

Claudia n.º 7

O Mercador de Pedras

Rubem Braga

SIM, eu também já trabalhei com jóias. Não quero contar vantagem, minhas jóias não eram das mais preciosas, nem eu extraí do olho de um ídolo hindu a esmeralda sagrada, nem fui assassinado no Araguaia por causa de um diamante. Minha aventura foi bem mais modesta e, para começar, só lixei com pedras semipreciosas.

Acontece que eu estava mal de dinheiro, como tem sucedido em outras fases de minha vida — e da vida de outras pessoas também. Escrever em jornal, coisa que sempre fiz mais ou menos, estava difícil, pois o Brasil vivia sob uma ditadura e eu estava colocado sob censura prévia; é uma colocação desagradável, inclusive porque dá raiva, e a gente só tem vontade de escrever coisas censuráveis. Acabei parando de escrever, ou só fazendo uns tópicos anônimos para um jornal qualquer; além disso redigia anúncios para a agência de um amigo meu — a Inter-Americana, do Armando d'Almeida, para ser exato. Redigia mal; jamais consegui ser um publicitário razoável, embora tenha perdido muitas noites tentando criar algo de fremente e original sobre as virtudes da Lâmina Gillette Azul e do Sofá-Cama Drago.

Foi então que me encontrei com um velho amigo mineiro, o Otávio Xavier da Silveira. Otávio tinha me iniciado no jornalismo, pois era secretário da redação do «Diário da Tarde», de Belo Horizonte, primeiro jornal diário em que trabalhei — isso foi há 35 anos, se vocês fazem questão de saber. Depois de me jogar cá dentro da profissão, êle, espertamente, saltou fora — e naquele tempo era dono de uma lapidação e de uma joalheria em Minas — duas joalherias, se vocês querem que eu seja mesmo exato, uma em Belo Horizonte, outra em Poços de Caldas.

Encontramo-nos no Rio; subi com êle a um apartamento no Hotel Itajubá, cujo bar era o Quartel-General dos vendedores de pedras. Mostrou-me topázios, águas-marinhas, ametistas, muitas outras pedras; ensinou-me coisas, a avaliar o preço pela cor, a distinguir as lapidações, os «pontos» e outros defeitos; preveniu-me contra os truques mais vulgares, feitos a fogo e fumo para alterar a cor das pedras; deu-me um livro; deixou-me várias coleções em uma caixa e em pacotes de papel branco que aprendi a fazer e desfazer, nomeou-me seu representante no Rio, arrumou a mala, pagou-me três uísques no bar do hotel e embarcou de volta para Minas.

Amanhã eu conto minha vida de mercador de pedras...

DN - 15.9.67

357